

A pesquisa para contestar as normatividades *cisheterocoloniais*: pistas cartográficas para um currículo franco e com orgulho

Franklin Kaic Dutra-Pereira¹
Saimonton Tinôco²

Resumo: Este ensaio foi escrito com corpos atravessados e vozes que insistem. Por esses motivos, propõe um enfrentamento à pesquisa científica como a conhecemos, a partir da proposição do que nomeamos como currículo franco e com orgulho – práticas curriculares que não apenas contestam as normatividades *cisheterocoloniais* da/na educação, mas propõem reconfigurações radicais nos modos de ensinar, pesquisar e existir. Partindo de fabulações políticas, éticas, estéticas e poéticas, o texto afirma a pesquisa como território de sobrevivência e reexistência de corpos dissidentes – especialmente travestis e bichas – no interior de escolas e universidades que ainda sustentam formas sutis e explícitas de epistemicídio. Através da proposição de dez pistas cartográficas, discutimos acontecimentos do cotidiano que, ao invés de serem tratados como exceções, revelam-se como núcleo vivo de uma pesquisa que se escreve com a pele, com a raiva, com a memória e com o desejo. Ao final, insistimos que o fim da pesquisa como conhecemos não é a sua extinção, mas o prenúncio de um saber indisciplinado, fabuloso e radicalmente comprometido com a vida.

Palavras-chave: currículo franco e com orgulho. epistemologias da diferença. pesquisa em educação.

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal da Paraíba. franklin.kaic@academico.ufpb.br

² Doutor em Educação Especial. Universidade Federal da Paraíba. saimonton.tinoco@academico.ufpb.br.

Anotações para um currículo franco e com orgulho

“Eu sobrevivo, eu sobrevivo” – cantam Johnny Hooker e Liniker.

Por que iniciarmos com um verso musicado por uma bicha e uma travesti? Para que, além de reivindicarmos a (sobre)vivência, ecoarmos gritos ferozes, cintilantes, de quem não se rende, não se esconde, não se cala. Gritos que rasgam o silêncio normativo com brilho, com escândalo e com orgulho; que não pedem licença nem tradução, uma vez que escrever também é gritar. É insubmissão coreografada na/da palavra, é excesso diante da contenção acadêmica, é presença *queer* contra a lógica que nos quer estatística ou nota de obituário.

Se não nos reconhecem nos currículos, reescrevemo-nos neles com purpurina, raiva, dignidade e riso. “Porque a gente vai sorrir. Sorriam!”, como disse Eunice Paiva, interpretada por Fernanda Torres, no filme brasileiro “Ainda estou aqui”. Pois, onde a universidade impõe invisibilização, nossa resposta é existência performada. E se a ciência nos quer em fórmulas frias, respondemos a ela com afeto quente, com corpo exposto, com pensamento que dança. Com amor-próprio. Com vida! Um currículo franco e com orgulho (Dutra-Pereira; Tinôco, 2023).

Assim, este escrito, efeito de uma *pesquisamenor* (Dutra-Pereira, 2025) junto ao COM-Fabulações: ateliê de pesquisas inventivas em educação (UFPB/CNPq), não nasce da neutralidade. Acende-se em nosso desejo de vivermos e de sabermos como quem se vinga com beleza, com orgulho e na franqueza.

O que inscrevemos aqui não é um texto, é um corpo. Ou melhor, são corpos atravessados pelas frestas de uma escola/universidade que insiste em não nos ver, de uma ciência que prefere fórmulas ao afeto, de um currículo que nos contempla como exceção ou ameaça. Nessa escrita, desejamos cartografar outros possíveis – de *universidadescolas* (Freitas-Filho; Sússekind, 2021), de ciências, currículos – e habitá-los com fúria e com ternura. Não queremos reformar a pesquisa: queremos incendiá-la!

Do que temos aprendido, não escrevemos para agradar, tampouco para convencer. Escrevemos para (nos) provocar, atravessar, inventar... porque sangramos. E o sangue, que em nós se derrama, mancha o currículo – esse papelório limpo demais para caber

nossa sujeira. Um currículo que pretendia nos ensinar a calar, obedecer e seguir, dobrando-nos em conteúdos e metas “cuidadosamente” selecionados. Mas (nós) não o aguentamos: abrimos a boca, desobedecemos. Não o seguimos: o desdobramos e o sujamos. Temos dito...

Assim nascem outros currículos: que não suportam o peso das normas, que se tremem diante das fórmulas do mérito, de avaliações frias, dos discursos de competência. Currículos que desejam dançar, escorrer, se desviar... como um currículo que ousamos chamar de franco (Dutra-Pereira, 2023; Dutra-Pereira; Tinôco, 2023) – não somente por sinceridade, mas também por insubmissão.

[...] inventamos um currículo franco, que indaga as verdades absolutas, bem como a consolidação e a naturalização de preconceitos relacionados à sociedade, à ciência e à tecnologia. Busca (por) mexer, balançar, escancarar e enfraquecer as estruturas racistas, patriarcais e colonizadoras que têm se adensado nos espaços formativos, numa possível tentativa de adiar o “fim do mundo e da escola” (Dutra-Pereira; Tinôco, 2023, p. 2).

Por isso, agora acrescentamos a ideia de orgulho (Dutra-Pereira, 2025). Um currículo franco e com orgulho, que não precisa se esconder por trás de objetivos gerais, indicadores de desempenho, rubricas avaliativas. Que se reconhece bicha, travesti, preta, indígena, nordestina, deficiente, fora do padrão... Um currículo que é performatividade e não “neutro” conteúdo, que inscreve nos corpos aquilo que a academia (ainda) não sabe ler.

O que nos move é uma crítica à epistemologia dominante, porque ela nos fere, além da urgência de existirmos com/como outros modos de sentir, de saber, de estar, de aprender. Não nos basta desmontar o que está posto: é preciso fabularmos outros mundos nos quais possamos, enfim, viver. Por isso, inventamos um currículo franco e com orgulho enquanto força política, estética, ética e insurgente, que desafia as formas convencionais de comunicar, investigar e partilhar nas *universidadescolas*. Não queremos mais “incluir” corpos e conhecimentos dissidentes, mas desfazer o lastro da normatividade que sustenta o projeto colonial e machista da pesquisa científica.

E se um currículo franco e com orgulho é possível, é porque ele não se envergonha de ser margem. Compõe-se entre frestas, em cartas não enviadas, nos nomes riscados no diário de classe. Se faz em voz alta, mesmo quando a escuta é inaudível. Fabula, com-fabula porque não aceita os enredos que lhe foram dados. Porque sabe que há potência naquilo que desvia, que tropeça, que hesita – e ainda assim insiste no “entre”.

Um currículo assim não espera ser autorizado para existir: rebela-se e se registra no imprevisto da aula que escapa ao plano, no cuidado entre docentes que se reconhecem no cansaço, no brilho do olhar de quem ousa caminhar fora da curva. É um currículo que não se escreve apenas com conteúdos didatizados, mas com presenças marcantes. Que não se organiza por competências de mercado, mas por abalo das certezas de uma vida. Que não cabe nas rubricas, mas explode em devires.

É fragmento, rastro, travessia. É corpo estendido diante da lousa, suor escorrendo entre enunciados. É a presença da avó no experimento de laboratório. É o axé espalhado sobre a lógica cartesiana. É o erro transformado em estética. É o desajuste tornado política. É currículo como ferida. É currículo [Marielle] franco. É currículo com orgulho [LGBTQIAPNb+]. É currículo que se abre...

Percorrendo tal caminho, nossa escritura se recusa a seguir os trilhos da pesquisa dominante, buscando as trilhas de uma investigação errante. Parte da aposta em exercícios de fabulação crítica (Hartman, 2023a; 2023b), como modo de (não) caber nas margens da academia. Não se trata de propormos uma epistemologia alternativa, mas de habitarmos a linguagem como território em disputa, como prática política de dizer-se com orgulho em meio ao colapso da normatividade curricular (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025). Inspirados pelas poéticas negras feministas, pelas pedagogias bichas, pelas insurgências indígenas e por discussões anticapacitistas, que tensionam os jeitos colonizados de conhecer, compartilhar e investigar, o currículo abandona suas tarefas de domínio e controle. Torna-se exercício de travessia, de fôlego, de sobrevivência.

Como reescrevermos o currículo quando se é a própria transgressão do currículo? Que existências podem emergir quando o currículo deixa de ser técnico e se assume como corpo, memória, resistência? Que invenções curriculares nascem do chão onde pisamos?

Que outros possíveis podem surgir, para darmos fim à pesquisa e ao currículo tais quais os conhecemos?

Sob os ecos das provocações causadas por tais perguntas, surge um manifesto, a partir da memória de Marielle Franco, que não é somente homenagem. É ruptura, que se ergue como denúncia de um currículo neutro, homogêneo, meritocrático, racialmente embranquecido e lgbtqiapnb+fóbico. Franco como Marielle: insubmisso, insurgente, ferido, mas não rendido. Morta, mas não calada! Como ela mesma disse, em seu discurso na câmara de vereadores do Rio de Janeiro: “não serei interrompida”.

Assim, um currículo franco exige democracia radical. Não há espaço para exclusão de gênero, de raça, de etnia, de religião, de cosmovisão, de diferentes saberes e sabores, de corpos, de sentires, de afetos e... e... e... (Deleuze; Guattari, 2019, p. 48) qualquer que seja esta. Por isso, um currículo franco exige escuta das vozes que a universidade/escola nos ensinou a calar. Exige uma ética do tremor, do balançar, do desvio.

Um currículo franco não busca consenso, é dissenso encarnado. Tensiona as estruturas que operam a padronização do saber, denunciando o apagamento de *praticantespensantes* – sobretudo de pessoas negras, indígenas, deficientes, (trans)viadas – e se recusa a funcionar a partir de concessão. Um currículo franco atravessa as paredes da escola, com as memórias de quem teve a existência negada, convertendo dor em denúncia, ausência em luta. Não busca reformular marcos curriculares, mas rachá-los por dentro, introduzindo ali a dúvida, a ginga, o corpo de quem não aceita aprender sem ser parte daquilo que (se) conhece.

Um currículo assim realizado se abre ao mundo poroso das experiências, não se envergonha de suas contradições, assume a incompletude como potência. Franco não é projeto, é ação contínua. É insistência política na vida como critério. É carta rasgada no meio da aula. É poema escrito na contracapa do caderno de planejamento. É recusa às lógicas da eficiência, da produtividade, da normatividade pedagógica. E, por isso, é perigoso. Porque onde se espera subordinação, oferece indisciplina; onde se espera conteúdo, oferece história viva; onde se espera silêncio, canta.

É nesse chão trincado que floresce um currículo com orgulho: como continuidade, como dobra, como rizoma, como cartografia, como outras trilhas, outros sonhos, outros desejos, outras vontades de verdade, outros modos de se (re)encantar (com) o outro, como resposta que brilha. Se o currículo franco é ruptura, o com orgulho é criação, é invenção, é inspiração. E uma aula franca com orgulho,

Parece muito com outras atividades. Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. [...] Eu me preparava muito para ter esses momentos de inspiração. [...], mas não há outra palavra a não ser pôr algo na cabeça e conseguir achar interessante o que é dito (Deleuze, 2001, letra P de professor).

É nesse “entre” – do que se ensaia, do que se escapa, do que se prepara, do que acontece e do que nos atravessa – que o currículo franco e com orgulho se desenha enquanto campo de risco e invenção. Se por um lado sabemos que uma aula é algo muito preparado (Deleuze, 2001), por outro consideramos que é somente nesse preparo meticuloso que o imprevisto pode emergir. O que está em jogo não é a transmissão de conteúdos rematados, mas a criação das condições para que algo aconteça – para que algo atravesse os corpos e reverbere além da lógica da explicação.

Quando Deleuze (2001) diz que “é algo muito preparado [...] para que cinco minutos de inspiração possam acontecer”, ele também nos oferece uma pista de que, para dar fim às pesquisas que conhecemos, é necessário que o pensamento permita composição. Mas é uma composição que não se confunde com previsibilidade. O que se prepara é o ambiente onde a inspiração possa, enfim, escapar. A pesquisa que pauta o currículo franco e com orgulho habita exatamente esse campo da preparação para o imprevisível; constrói-se como território vibrátil, dá lugar à escuta, cede à presença, abre espaço para o acontecimento da vida em sua forma mais irredutível. É uma pedagogia da fresta, do tropeço, da hesitação, da travessia.

O currículo franco e com orgulho reconhece isso: que o saber vivo não se entrega sem luta, que o pensamento não floresce sem atmosfera, sem um campo de intensidades. Por isso, um currículo que se deixa compor entre o franco e com orgulho precisa abandonar a promessa vazia da neutralidade, para se tornar um espaço de travessia

insurgente – antipatriarcal, contracolonial, anticisheteronormativa, anticapacitista e radicalmente antilgbtqiapnb+fóbica. Um currículo que não apenas rejeita as estruturas que nos violentam, mas que fabula novas formas de viver, ensinar e aprender a partir da diferença como princípio existencial e político.

Nessa pedagogia, para darmos fim à pesquisa colonialista e lgbtqi+fóbica que nos foi ensinada em toda nossa existência, o que importa é a criação de condições para que um corpo dissidente possa respirar. Respirar e pensar. Respirar e pesquisar. Respirar e ensinar. Respirar e existir sem medo. A pesquisa com franqueza e com orgulho assume essa posição e reivindica possibilidades ético-político-estético-poéticas, onde a bicha possa falar sem ser ridicularizada, onde a travesti possa brilhar sem ser ofuscada, onde a pessoa negra, indígena, gorda, surda, cega, autista etc. possa pensar e inventar fora da moldura. É a atmosfera do possível: como beleza de mundo, como grito de insurgência, como vitalidade fabulada, como luta franca, como presença orgulhosa.

É nesse intervalo, entre a preparação e a irrupção do que não se prevê, que a pesquisa franca e com orgulho acontece: não como reatividade, mas como potência de desestabilização das arquiteturas do saber instituído. Trata-se de constituir uma prática curricular que não adie a verdade política de que o que ensinamos, como ensinamos e quem temos autorização para ensinar – na maioria das vezes – são decisões atravessadas por colonialidade, por normatividade de gênero e por lógicas capacitistas que operam na manutenção da exclusão como critério (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

Por isso, defendemos a pesquisa franca e com orgulho por insistirmos na responsabilidade ética de desorganizar essa arquitetura. Não se constrói tal disposição a partir de pautas universalistas ou categorias genéricas de diversidade; parte-se da materialidade das violências. Entendemos que o silêncio de uma estudante trans não é falta de participação, mas sintoma de uma epistemologia excludente. Que a ausência de docentes negras em espaços de decisão não é casualidade e sim resultado de um currículo que opera pela supremacia branca. Que o incômodo diante de um corpo gordo falando de ciência não é particular, mas estrutural. Nesse sentido, uma pesquisa que se diz franca e com orgulho precisa assumir sua implicação com tais exclusões, recusando-se a continuar operando como se fosse imparcial.

É nesse solo, já irremediavelmente fissurado, que pesquisas numa perspectiva de currículo franco e com orgulho emergem; não como ornamentação simbólica, mas como afirmação política. Orgulho enquanto enfrentamento da norma, ao invés de celebração folclórica da diferença. Reivindicações de possibilidades para dizer, para teorizar, para ensinar a partir dos próprios corpos, saberes e condições de existência.

Uma pesquisa franca e com orgulho não admite adestramento comportamental e vigilância identitária, pois opera pela legitimação da presença insurgente. Não reduz a diferença à estratégia pedagógica: a reconhece como princípio existencial. A pesquisa em educação/ensino, enquanto oportunidade franca e com orgulho, torna-se espaço de reorganização radical das relações de poder que atuam em contextos de ensinar e aprender. Um espaço que não será tido como imparcial, porque nunca o foi; que não será apenas técnico, porque sempre foi político (Paraíso, 2025).

O currículo que aqui se inscreve e se escreve, a partir dos corpos costumeiramente recusados pela sociedade, não propõe ajustes ou atualizações nos modelos estabelecidos de pesquisa. Reivindica outra engenharia, que seja armada com a argamassa do sensível e do inteligível. Despreza a arquitetura que mede, classifica e hierarquiza as vidas, enquanto mais ou menos adequadas à ciência clássica. E propõe, em seu lugar, uma cartografia viva das insurgências que sobrevivem ao apagamento, que reinventam o currículo a partir das experiências. E que, ao se afirmarem, colocam a pesquisa positivista em colapso, para que dela brote outra coisa: uma possibilidade diferente de mundo, enquanto projeto coletivo de sobrevivência e reexistência.

Assim, com o franco e com o orgulho, alargamos espaços para um currículo que não aceita o mundo tal como nos foi imposto. Um currículo que se sabe campo de disputa e que, por isso, prepara com cuidado os territórios para que o inusitado, o poético e o dissidente possam existir, como desafios à própria existência. Se o patriarcado instituiu o silêncio como currículo, respondemos com voz. Se o colonialismo impôs a ausência, contrapomos com o corpo. Se a *cisheteronormatividade* estabeleceu norma, rebatemos com modos de “falar de nós ganhando” (Bispo dos Santos, 2023). E se a pesquisa quis de nós disciplina, contestamos com fabulação. Porque nós somos o fim da pesquisa como a

conhecemos e, por isso mesmo, o começo de outra possibilidade: barulhenta, corporificada, radicalmente viva, indisciplinada (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

A franqueza e o orgulho não se contentam em denunciar a violência, por isso afirmamos as existências com potência estética. É a presença que não precisa justificar-se, que se sabe legítima por ser. Temos orgulho do que carregamos no corpo, no gesto, na fala, no riso... Do cruzar as pernas – enquanto ato proibido, porque é afeminado; da voz fina, de bicha bichérrima. É no andar, no olhar, no ouvir, no cheirar, no saborear que se reafirma a insurgência de outros modos de viver uma vida bonita de se viver (Ferraço; Dutra-Pereira, 2023). Um currículo com orgulho é aquele que, ao emergir das margens, não quer um lugar à mesa: quer mudar a configuração da mesa e dançar sobre ela, como resposta a quem nos pergunta: “e professor(a) pode fazer isso?”.

Sendo assim, uma pesquisa franca para um currículo com orgulho emerge das fronteiras. Uma pesquisa que ousa amar o que se sente, mesmo quando tudo à volta tenta fazer se envergonhar, se embriagar, se mutilar e se esvair entre as dores do existir. Orgulho, aqui, não é vaidade. É sobrevivência. É política. É gesto de afirmar-se contra as violências normalizadas pelos dispositivos da colonialidade curricular e das pesquisas que o patriarcado impôs à academia.

Por isso, na franqueza e com orgulho, escrevemos, pesquisamos, ensinamos... existimos... conversamos.... Porque é nas conversas complicadas – aquelas que não cabem em protocolos científicos, na formalidade acadêmica, no conservadorismo de periódicos, nas métricas dos Qualis – que nossos corpos se inscrevem e, como isso, escrevem nas diferenças (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco, 2024).

Entendemos que

Problematizarmos, pensarmos, refletirmos, escrevermos e tornarmos possível a visibilidade de pessoas pretas e indígenas, nas aulas e nas pesquisas, são possibilidades de luta contra a estrutura racista, patriarcal, LGBTQIAPN+fóbica, capacitista nas *universidades* escolas. São ações necessárias ao avanço da cultura e da ciência, enquanto movimento de aniquilação do racismo que é reforçado na estrutura social brasileira (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco, 2024, p. 95).

Provocamos e compomos de distintas maneiras, a partir de feridas que foram abertas socialmente. Aprontamos, como nos convida Oliveira (2024), com os afetos que estão dispersos nas tramas do cotidiano escolar, como bem aprendemos com Ferraço e Dutra-Pereira (2023) e com as poéticas de quem fabula a partir das bordas. É com este gesto, cartográfico e ensaístico, que (nos) assumimos: não pesquisamos sobre currículo franco e com orgulho; nós somos o currículo que não coube. Ao habitar os entrelugares, questionamos: que mundo é esse, em que a escola nos ensina a esquecer? Que ciência é essa, que se constrói sobre silêncios? Que currículo é esse, que serve apenas ao progresso dos mesmos corpos, dos mesmos saberes, dos mesmos poderes?

Entre o que nomeamos como currículo franco e o que assumimos como currículo com orgulho, tecemos este ensaio como dispositivo de restituição da luta de Marielle Franco e de tantos outros corpos assassinados pelo Estado, silenciados pelas *universidadescolas*. Um exercício de ruptura, pois se localiza na contramão dos manuais prescritivos e homogêneos de pesquisa. Exige, nesse sentido, uma atitude de democracia radical, através da desorganização de alicerces estruturados no saber eurocentrado.

Uma pesquisa que não se curva ao verniz da neutralidade, mas que se levanta, digna, em nome das histórias que sempre foram abafadas. Não procura reconhecimento, busca celebração. Quer habitar a alegria sem concessões. Quer ouvir o grito de quem não está mais disposto a ser tolerado. Franco como Marielle. Como o povo periférico, preto, indígena, bicha, sapatão, trans, travesti e do sertão: corpos que insistem, mesmo quando o mundo decreta suas desistências.

A pesquisa – franca e com orgulho – que aqui propomos não visa garantir validação científica, propor hipóteses testáveis e nem apresentar resultados replicáveis. Por isso, não se desenvolve nas passagens dos editais que pedem aplicabilidade, mas nos becos onde a vida escorre fora do plano. Aponta para travessias que assumem a fabulação crítica como método, que se inserem no terreno fértil da filosofia da diferença, que convoca a cartografia como modo de pesquisar-com (e não sobre) e que tem no corpo o seu laboratório.

É a partir de conversas complicadas com *praticantespensantes* negros/as/es, travestis, indígenas, deficientes, que circulam por *dentrofora* dos muros das

universidadescolas, e das provocações de artistas, poetas e cientistas indisciplinado/as/es, que este ensaio se constrói como exercício de criação política. Brota da percepção de que a pesquisa – como a conhecemos – funciona como instrumento para a manutenção do epistemicídio, como afirma Sueli Carneiro (2005) e argumenta Dutra-Pereira (2025a), mas também da crença de que outras formas de conhecer, ensinar e viver são não apenas possíveis, mas já estão acontecendo.

Por tais motivos também o entendemos como um manifesto. Um apelo. Um risco. Como o currículo franco e com orgulho o é. Um registro que se levanta contra a domesticação da vida, que afronta os dispositivos que transformaram a escola em território de disciplinamento e a pesquisa em máquina extrativista de saberes. Uma aposta em descolonizar não apenas os conteúdos, mas os modos de existir, de aprender, de pensar e de escrever. É romper com o pacto da branquitude (Bento, 2022), que não serve à lógica da obediência epistemológica e que se recusa a reproduzir o mundo tal como o herdamos.

É uma escrita que se alimenta da pedagogia da transgressão, que não cabe na submissa didática. É uma ciência que ousa ser orgulhosa. É um currículo que, sendo franco, escolhe não temer a imposição colonial. Porque, como aprendemos com Haraway (2009, p. 103), “se for verdade que somos aprisionados pela linguagem, então, a fuga dessa prisão exige poetas da linguagem, exige um tipo de enzima cultural que seja capaz de interromper o código”. E se a pesquisa insiste em nos prender nas malhas do silenciamento, escrever francamente e com orgulho é o nosso jeito de cavar túneis.

A colonialidade do saber forjou um sujeito universal que se pretende neutro, distanciado, objetivo e portador legítimo da razão. Sujeito que se sustenta na exclusão sistemática de tudo o que escapa à norma, sendo por isso nomeado como: o corpo racializado, a subjetividade dissidente, a ancestralidade silenciada, a deficiência patologizada, o saber que não se traduz em tese. No chão da escola e nos laboratórios da ciência, esse sujeito ainda é objetificado, sendo resumido às funções que desempenha: é o corpo que ensina, que avalia, que valida.

No entanto e ao mesmo tempo, esse corpo é, também, uma ficção moderna, fabricada para garantir o monopólio de um mundo único, masculino, branco, *cisheteronormativo* e eurocentrado. Diante disso, o currículo se transforma em

dispositivos de apagamento, manutenção e naturalização desse mesmo sujeito. Em tal disputa, insurgem corpos que não cabem nas bordas, posto que se reconhecem no dissenso e nele operam outras possibilidades de vida e de pensamento. O que está em jogo, portanto, não é apenas uma disputa pedagógica, mas ontológica: quem pode ser sujeito de conhecimento? Quem tem o direito de dizer “eu sei”?

Sendo assim,

Os estudos culturais sobre raça e etnia denunciam, de forma insistente, as relações espúrias entre, de um lado, o sujeito que é privilegiado no discurso e nas instituições dominantes e, de outro, o homem branco, de ascendência europeia. A análise pós-colonialista, por sua vez, flagra o sujeito racional e iluminado em suspeitas posições que denunciam as complexas tramas entre desejo, poder, raça, gênero e sexualidade em que ele se vê, inevitável e inequivocamente, envolvido. Reunidas, essas teorias mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder. Sobra alguma coisa? (Tadeu, 2009, p. 11).

Sem a pretensão de formular uma resposta definitiva – ao que tanto a pesquisa quanto o currículo franco e com orgulho se contrapõem – apostamos na sobra como réplica à provocação de Tomaz Tadeu. Sobra, sim. Sobra aquilo que o currículo e a pesquisa como os conhecemos não souberam conter: o que vazou, o que desviou, o que insurgiu. Sobra o que grita na sala quando o professor cisgênero branco se recusa a acolher o nome social da aluna trans. Sobra o que silencia numa turma quando o menino negro é o único a nunca ser escolhido para liderar o grupo. Sobra o que brilha nas entrelinhas da aula quando a professora resolve ler uma carta escrita por si própria, afirmando seu corpo dissidente como forma de ensinar.

O currículo e a pesquisa francos e com orgulho emergem exatamente dessas sobras, não para reintegrá-las no sistema, mas para reorganizar o próprio solo em que o conhecimento se constrói. Não busca reparar a exclusão, mas romper com as formas de subjetivação que sustentam o privilégio epistêmico. Se o sujeito racional do iluminismo é uma armadilha, respondemos com multiplicidade, com historicidade, com corporeidade, com presença encarnada, com performatividade. Por isso, não apenas des/de/contracoloniza: destronar. Sabe que o fim da pesquisa como conhecemos só pode

ocorrer quando a norma é desativada como critério de validade e a diferença é afirmada como potência de criação.

Currículo franco e com orgulho: entre rastros de violência e fabulações possíveis

Como anunciamos e enunciamos sobre o que seria um currículo franco e com orgulho, compreendemos a pesquisa científica como uma prática situada, encarnada e insurgente, que se move entre as dobras do político, do ético, do estético e do poético. É nesse campo movediço que ela se refaz, enquanto acontecimento implicado nas urgências do agora – diante da continuidade brutal das violências dirigidas à comunidade LGBTTQIAPNb+ no mundo, especialmente às pessoas trans e travestis aqui no Brasil.

Ao invés de recuar diante da dor, essa aposta propõe a fabulação como forma de habitar o mundo quando ele se recusa a nos reconhecer. A pesquisa, nesse sentido, deixa de ser ferramenta de interpretação da realidade para tornar-se invenção de outros possíveis – um espaço de escrita que acolhe o que treme, que expõe o que vaza e que insiste na radicalidade da vida dissidente.

É nessa direção que apresentamos dez pistas cartográficas que não pretendem explicar ou representar, mas acompanhar forças, abrir fissuras e sustentar apostas de pesquisa com o currículo franco e com orgulho. As pistas que se seguem não nascem do conforto das categorias, mas do incômodo dos corpos que atravessam *universidades* escolas e ruas, sob risco. São rastros que não obedecem à cronologia nem à lógica argumentativa da academia tradicional: caminham pelas margens, inscrevem-se nas frestas e se sustentam na recusa de transformar o horror em dado indiferente.

Cada uma dessas pistas é atravessada pela radicalidade do pensar a pesquisa com o currículo franco e com orgulho, enquanto prática implicada nas lutas contemporâneas, especialmente aquelas que denunciam a perseguição contínua ao nosso povo. São fragmentos de um campo em colapso, mas que ainda pulsa.

1. **Político é o corpo que insiste** – Em tempos de necropolítica globalizada, em que travestis são perseguidas, assassinadas ou silenciadas com o aval das

instituições e da moral dominante, fazer pesquisa com um currículo franco e com orgulho é uma recusa radical à indiferença. É interromper a naturalização do genocídio travesti. Não se trata apenas de denunciar os números – embora eles gritem –, mas de realizar investigação como berro que ecoa, como contra-ataque poético. É escrever com as costas marcadas, com os nomes apagados, com as vozes distorcidas por editorias que jamais publicariam a verdade como ela soa na boca de uma travesti;

2. **Ética é a escolha de com-quem se caminha** – Pesquisar com currículo franco e com orgulho não é fazer análises sobre os corpos dissidentes, mas com eles/conosco – ou, muitas vezes, a partir delys, em seus/nossos próprios termos. A ética aqui não é regida por comitês institucionais que acreditam regular a dor, mas por pactos de cuidado, de escuta e de indignação. Quando uma travesti é presa por usar o banheiro, quando uma adolescente trans é empurrada para fora da escola por docentes que dizem “não saber como lidar”, o currículo franco e com orgulho não pede permissão à academia: se posiciona. Porque não há neutralidade quando o Estado arma suas políticas de extermínio;
3. **Poético é o que escapa** – O currículo franco e com orgulho aposta nas frestas do cotidiano em que o imprevisto acontece – um bilhete escrito às pressas na contracapa de um caderno, uma lágrima contida no intervalo, o brilho do batom retocado entre uma aula e outra. A poética não é ornamento: é metodologia da insurgência. É o modo como corpos dissidentes criam mundos por dentro da destruição. No Brasil, onde travestis ainda são chamadas de “aberrações” por parlamentares em rede nacional, o currículo franco e com orgulho não responde com teoria fria: responde com vida encarnada, com memória ancestral, com desejo de continuidade;
4. **Estética é forma de sobrevivência** – Uma travesti no laboratório, uma bicha de saia na reunião pedagógica, uma professora lésbica que ousa escrever cartas aos seus estudantes: esses são acontecimentos que redesenham o campo da pesquisa. O currículo franco e com orgulho reconhece que a estética é política, que o modo como um corpo se apresenta é também forma de dizer “eu não vou morrer em

silêncio”. Quando as escolas tentam arrancar o brilho dos corpos dissidentes, o currículo franco e com orgulho devolve com intensidade: para se proteger, para se afirmar;

5. **O cotidiano é onde tudo acontece** – É nas miudezas do dia a dia que se forjam as estruturas do epistemicídio e é também ali que se podem criar brechas. Quando um/a docente pergunta o nome e pronome para nomear um/a estudante trans, não está apenas sendo gentil: está desmontando séculos de *saberpoder cisgêneroheteropatriarcal*. O currículo franco e com orgulho reconhece o cotidiano como campo de disputa existencial, por isso não espera por congressos da área e por outras validações institucionais. Age no agora, no imprevisto, no que pode ser feito com os recursos que se têm e com os corpos que ainda resistem;
6. **A pesquisa como rasura da norma** – Trabalhar com o currículo franco e com orgulho é escrever no avesso do artigo científico: é permitir que a dúvida respire, que a linguagem quebre, que a escrita se recuse a explicar-se. O texto torna-se espaço de resistência à forma. Frente à homogeneização editorial das grandes revistas, que exigem uma produção pasteurizada, responder com um artigo que fabula, que denuncia, que experimenta é posicionar-se contra a colonialidade da linguagem. É gritar que uma escrita acadêmica pode ser também abrigo, também exílio, também travessia;
7. **O horror não será estetizado, será enfrentado** – Em pleno 2026, travestis continuam sendo caçadas nas ruas de grandes capitais latino-americanas, expulsas de abrigos, demonizadas por discursos fundamentalistas e invisibilizadas pelos currículos. O currículo franco e com orgulho não faz rodeios: nomeia os algozes, denuncia os silenciadores e aponta para as cumplicidades institucionais que sustentam o massacre. Pesquisa, nesse contexto, é um ato de guerra simbólica contra a pedagogia da obediência. É não desviar o olhar quando se trata da barbárie legitimada pelo Estado;
8. **Não basta incluir, é preciso reinventar** – A escola não precisa de políticas de inclusão que adaptem travestis a um espaço que continua sendo hostil. Ela

precisa ser reinventada, a partir dos conhecimentos que essas existências produzem. O currículo franco e com orgulho não quer ser aceito: quer redefinir os termos do (re)conhecimento. Coloca-se como ruptura da ordem que nomeia, classifica, mede e tolera. Propõe que a escola seja, finalmente, território de vida digna para quem sempre foi “convidado/a” a sair;

9. **A pesquisa não é neutral, é campo de combate** – Quando um corpo dissidente ingressa na pós-graduação e ousa propor uma tese/dissertação em primeira pessoa, com teorias tramadas a partir de sua existência, isso já é uma insurreição. Quando uma travesti defende seu mestrado vestida com sua roupa de trabalho e seu salto vermelho, isso é um ato epistêmico. O currículo franco e com orgulho entende a pesquisa como possibilidade de reescrita do mundo. Um mundo que ainda é hostil, mas que pode ser (re)feito com palavras outras;
10. **É possível pesquisar com raiva, com memória, com cuidado** – A raiva de quem perdeu amigas assassinadas. A memória de quem sobreviveu ao silêncio das salas de aula. O cuidado de quem escreve sabendo que suas palavras podem abrir caminho para outras existências. O currículo franco e com orgulho é tudo isso: não é apenas proposta, é insurgência em curso. Não promete salvação, mas busca confronto, possibilidade, reexistência. E, acima de tudo, escreve para que ninguém mais precise pedir desculpas por existir.

As dez pistas cartográficas que apresentamos aqui são afirmações que emergem de uma pesquisa comprometida com o colapso da neutralidade. Cada uma destas inscreve-se como acontecimento: uma torção na estrutura curricular, uma denúncia viva contra as formas cotidianas de apagamento, um campo (in)tenso em que a escrita é reconfigurada por corpos que não foram previstos pela ciência normativa e normatizada (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

Tais pistas não se pretendem sistemáticas porque o currículo franco e com orgulho não se organiza por linearidade; é um território que, em sua constituição, se desterritorializa e reterritorializa, ecoando ressonâncias (Guattari; Rolnik, 2010). Rompe com a ideia de currículo como percurso previsível, como sequência lógica, como técnica

pedagógica. Por isso, anuncia-se enquanto ruína da forma e como exigência de reinvenção. É nesse “entre” que tensionamos os fundamentos epistemológicos que sustentam o currículo como dispositivo colonial, patriarcal, *cisheteronormativo* e capacitista.

Ainda estamos aqui: algumas anotações para uma pesquisa franca e com orgulho

Em tempos que a pesquisa é cada vez mais convocada a obedecer aos editais de fomento, às métricas da Capes e do CNPq, aos indexadores da lógica de produtividade, nós propomos e insistimos em outros modos de pesquisar. Modos que não cabem nos clássicos manuais de metodologia, nem nas rubricas de pareceristas “imparciais”. Modos que sangram. Que vibram. Que se comprometem com corpos que seguem sendo alvos de silenciamento, criminalização e morte. Modos que encontram uma linha de tensão, de invenção, de criação, de potência. Surge, então, como um campo de forças que articula denúncia, afirmação e reinvenção do próprio sentido de vida acadêmica, a exemplo do currículo franco e com orgulho.

Atravessamos, nesse momento histórico, uma intensificação da necropolítica dirigida às travestis, às bichas, às pessoas trans, pretas, indígenas e dissidentes. A captura dos corpos tidos como desviantes é sustentada não apenas por armas e leis, mas por linguagens e currículos que mantêm a ficção do sujeito universal como critério de inteligibilidade. Como diz Silva (2001), o sujeito racional, iluminado, europeu, masculino e branco é “inevitável e inequivocamente envolvido” em tramas de poder, desejo e violência, sustentando um sistema em que tudo o que escapa a esse modelo é tratado como ruído, como desvio, como erro.

Fazer pesquisa com o currículo franco e com orgulho é, nesse contexto, produzir linguagem contra a lógica da captura. É instaurar, no cotidiano das *universidadesescolas*, *microacontecimentos* que desestabilizam a gramática normativa da ciência. Afinal, como nos ensina Deleuze (2001), há sempre um longo preparo para que cinco minutos de inspiração aconteçam; talvez, assim, possamos dizer que o currículo franco e com orgulho prepara longamente o terreno para que a vida aconteça, para que a diferença não precise

mais pedir licença para estar presente. Tal preparo não é apenas técnico: é político, ético, estético. É, sobretudo, urgente.

Não se trata, portanto, de representarmos ou incluirmos corpos dissidentes no espaço da ciência ou das *universidadesescolas*. Mas de nos permitirmos transformar a própria ideia de ciência, a própria materialidade do currículo. Uma travesti numa banca de mestrado não é um dado a ser ingenuamente comemorado, é uma rachadura no edifício acadêmico. Uma bicha preta escrevendo sua tese a partir da infância periférica não é inclusão, é reconfiguração existencial. O currículo franco e com orgulho não quer traduzir a diferença ao idioma das *universidadesescolas*: quer pôr fim à sua hegemonia epistêmica.

Frente à escalada global de discursos fundamentalistas que reforçam a *cisheteronormatividade*, o capacitismo, o racismo, a lgbttqiapnb+fobia como normativas pedagógicas, a pesquisa com currículo franco e com orgulho não pode ser indiferente. Quando o Estado legisla contra o uso do nome social, quando parlamentares vociferam ódio em plenário a uma parlamentar trans, quando travestis são impedidas de existir no espaço público, pesquisar é escolher lado. É produzir um saber que possa proteger, que possa escutar, que possa testemunhar e que, sobretudo, possa intervir.

A pesquisa franca e com orgulho ainda se permite ser escrita de luto, porque luto é também forma de se recusar ao esquecimento. Quando escrevemos com as travestis que não estão mais aqui, com as memórias de Dandara, de Kaelly e de tantas outras que tombaram sem sequer terem sido (re)conhecidas, estamos fazendo da escrita um campo de re(par)ação e (re)existência. Como nos diz Suely Rolnik (2011), só é possível resistirmos se não nos tornamos cúmplices do apagamento das forças vitais.

O currículo franco e com orgulho, então, não é um suplemento do currículo tradicional. Ele é sua recusa, sua derrocada, seu fim anunciado. Não quer se adaptar ao que existe, mas fabular outros mundos possíveis a partir do que (sobre)vive nas margens. Como nos aponta Rosi Braidotti (2025), trata-se de um pós-humanismo afirmativo, que recusa o sujeito centrado e propõe uma subjetividade interdependente, afetável e em constante recomposição. Por isso o currículo franco e com orgulho pulsa nessa direção: de um saber situado, vulnerável, mas não derrotado.

Sendo assim, a pesquisa no ponto de vista do currículo franco e com orgulho se escreve com as sobras do que não coube nos artigos científicos, com o que foi riscado das atas de reuniões, com o que foi sussurrado nos corredores. Escreve-se com raiva, sim; com amor, também. Com desejo de que a ciência não precise mais passar por cima dos corpos para se tornar válida. É uma pesquisa na defesa de uma vida vivível – e isso, por si só, já é suficiente para ser chamada de ciência. Uma ciência que se permite ser franca e orgulhosa.

Caminharmos para o fim deste ensaio não significa concluí-lo: mas dobrar, abrir uma nova passagem, sustentar a continuidade de uma escrita que compreende que seu campo de implicação é a própria vida em estado de urgência. O que oferecemos aqui, sob o nome de currículo franco e com orgulho, não é uma proposta aplicável/replicável, nem uma inovação didática, tampouco uma formulação *técnicoteórica* do que conhecemos como currículo. Trata-se, antes, de uma tomada de posição diante do esgotamento de um modelo de pesquisa que se sustenta na exclusão, no silenciamento e na fetichização da diferença.

Se o currículo tem sido, historicamente, um dos dispositivos para a reprodução de subjetividades dóceis, cisnormativas, brancas, capacitistas e coloniais, não é mais possível continuarmos tratando sua composição como se fosse neutra e reformável, a partir de ajustes superficiais. O currículo franco e com orgulho se apresenta como ruína dessa ordem e como aposta em outras maneiras de imaginar o que pode ser o ensino, a pesquisa e as *universidadesescolas*. Não se trata de responder à violência com notas de rodapé, mas de escrever contra ela, a partir dela, com uma linguagem que treme. E se a ciência, como temos vivido, ainda é espaço de exclusão, então a pesquisa franca e com orgulho é uma forma de sobrevivermos sem pedir desculpas por existirmos.

As dez pistas cartográficas aqui descritas não são exemplos ilustrativos nem dados sistematizáveis. São afirmações insurgentes que, ao se inscreverem como corpo-texto, pretendem produzir deslocamentos. Diante da continuidade brutal das violências dirigidas aos corpos LGBTTQIAPNb+, sobretudo às travestis, insistimos que não é possível mais pesquisarmos como se tais fatos não nos atravessassem. O assassinato de uma travesti não é um caso isolado, é um acontecimento curricular. A expulsão simbólica de uma bicha

do ambiente acadêmico não é um mal-entendido, é um dispositivo pedagógico de exclusão. A invisibilização de docentes negras, indígenas e dissidentes é o reflexo direto de uma epistemologia que se recusa a ampliar espaço nas *universidades escolas*.

Por isso, o que nomeamos como currículo franco não é somente homenagem à Marielle Franco, mas a reconfiguração do que significa pensar, pesquisar, ensinar, escrever, em confronto com a morte simbólica e física que se atualiza diariamente nas estruturas institucionais. Franqueza aqui é linha de ruptura, rasura na lógica meritocrática, fratura ética nas políticas de neutralidade. O com orgulho, por sua vez, é afirmação de um conhecimento que parte de corpos marcados para sustentar outra possibilidade de linguagem. Um currículo com orgulho não quer tolerância nem espaço concedido: quer reinvenção das condições de existência e de enunciação na ciência e na escola.

Pesquisar francamente e com orgulho é mover os centros de legitimação, é admitir a raiva, o desejo, a memória e o cuidado como questões existenciais, de conhecimento, de aprendizagem. É escrever com e a partir de quem sempre foi lido como objeto – de estudo, de pesquisa, de prazer. É comprometer-se com a implosão de um modelo de conhecimento que transforma a dor em dado e a diferença em exceção. Uma pesquisa que se sustenta no silêncio de corpos inteiros, que opera com apagamentos sistemáticos, não pode mais ser defendida. O fim da pesquisa como conhecemos é o começo de uma outra possibilidade: instável, imperfeita, mas comprometida com a vida.

Seguiremos, por isso, escrevendo... Com as sobras, os restos que a academia não quis e, às vezes, ainda não quer considerar. Com os silêncios que se tornaram matéria de luta. Com as palavras riscadas, com os nomes sociais, com os olhares desviados nas salas de aula. Seguiremos escrevendo com aquilo que tremula na pele e com o que sobrevive nas beiradas do que ainda se pode chamar de ciência. “Porque a gente vai sorrir. Sorriam!”

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

BRAIDOTTI, Rosi. **O pós-humano**. Trad. Edmundo Cordeiro. São Paulo: Ayine, 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese. (Doutorado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Abécédaire** (com Claire Parnet). Paris: Montparnasse, 2001. [Versão brasileira, legendada pelo MEC: TV Escola, 2001].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2019.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Conversas complicadas no ensino de química: manifesto por um currículo [Marielle] “franco”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 221–241, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73679>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Resgatar a vida pela química $\Leftrightarrow$ resgatar a química pela vida: currículo, epistemicídio e o remendo do NEM. In: TAVARES, Mari Inez. **Pesquisa em movimento: a Educação em Ciências na América Latina**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2025a.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Ser ou não ser um produto? Eis a questão! por outros produtos educacionais e currículos menores pluriculturais. **Educitec – Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 11, jan./dez., p. e258925, 2025b. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2589>. Acesso em: 1 mai. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; LIMA, Rafaela dos Santos; TINÔCO, Saimonton. Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas... **Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 29, n. 65, p. 71–94, 2024. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1906>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. “Eu vou falar de nós ganhando...”: confabulando outros currículosvidas para juventudes LGBTQIAPNb+ nômadesdissidentes em gênerosexualidades à flor da pele. **Educação e Emancipação**, v. 18, p. e–23892, 31 jan. 2025. Disponível em:

<https://cajapio.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/23892>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. Manifesto por um currículo [Marielle] Franco. In: ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 41., 2023. **Anais [...]**. Manaus: ANPEd, 2023. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_20_40.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

FREITAS FILHO, Luciano Carlos Mendes; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Universidadescola e as disputas no contexto da pandemia: movimentos desviantes e currículos de copresença. **Momento – Diálogos em Educação**, v. 30, n. 2, p. 50-74, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13207>. Acesso em: 1 mai. 2025.

GUATTARI, Félix; RONILK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.) **Antropologia do ciborgue: vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers subtis**. Trad. Julia Gouvea. São Paulo: Fósforo, 2023a.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada atlântica em busca da herança da escravidão**. Trad. Ana Ban. São Paulo: Todavia, 2023b.

OLIVEIRA, Iris Verena. Modos de aprontar na academia: escrevivências e fabulações curriculares. **Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 29, n. 65, p. 219–240, 2024. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1941>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Contexto, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz (org.) **Antropologia do ciborgue: vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

Research to challenge cisheterocolonial norms: cartographic clues for a frank and proud curriculum

Abstract: This essay was written with traversed bodies and voices that insist. For these reasons, it proposes a confrontation with scientific research as we know it, starting from the proposition of what we call a frank and proud curriculum – curricular practices that not only contest the cisheterocolonial norms of/in education, but propose radical reconfigurations in the ways of teaching, researching, and existing. Starting from political, ethical, aesthetic, and poetic fabulations, the text affirms research as a territory of survival and re-existence of dissident bodies – especially transvestites and queers – within schools and universities that still sustain subtle and explicit forms of epistemicide. Through the proposition of ten cartographic clues, we discuss everyday events that, instead of being treated as exceptions, reveal themselves as the living core of research that is written with skin, with anger, with memory, and with desire. In conclusion, we insist that the end of research as we know it is not its extinction, but the harbinger of an undisciplined, fabulous knowledge, radically committed to life.

Keywords: frank and proud curriculum; epistemologies of difference; research in education.

Recebido: 01/05/2025

Aceito: 29/06/2026